

economia

Novas tarifas dos EUA sobre o Brasil entram em vigor hoje

Medida deverá ter impacto sobre 48,2% das exportações gaúchas ao país

/ COMÉRCIO EXTERIOR

As novas tarifas de 25% impostas pelo governo dos Estados Unidos sobre produtos brasileiros entram em vigor hoje. A decisão é resultado de uma investigação da Seção 301 da Lei de Comércio dos EUA, iniciada em julho do ano passado.

A medida deverá ter impacto sobre 48,2% das exportações gaúchas aos Estados Unidos, de acordo com estudo do Conselho de Comércio Exterior e da Unidade de Estudos Econômicos da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs).

O percentual equivale a US\$ 793,8 milhões. Conforme a entidade, o documento final do USTR ampliou a lista de exceções em relação à proposta inicial, mas apenas 2% do total exportado pelo RS ao país entrou nessa cota, com destaque para alguns itens de couro e pescado.

Os Estados Unidos são o segundo maior mercado dos produtos gaúchos. E, além da tarifa de 25%, que entra em vigor em 22 de julho, há a possibilidade de que alguns segmentos, que correspondem a 36,9% dos embarques do Estado aos EUA, sejam sobretaxados em mais 12,5%.

Com isso, 85,1% das comercializações do Rio Grande do Sul aos americanos estarão sob algum impacto tarifário.

Entre os segmentos mais afetados, estão os relacionados à indústria da transformação. Em especial os setores industriais de máquinas e equipamentos, equipamentos elétricos, calçados, móveis, tabaco, produtos metalúrgicos e diversos bens manufaturados. Muitos deles se manifestaram com apreensão sobre a nova tarifa.

No caso dos calçados, por exemplo, o Rio Grande do Sul é líder em exportações no País e quase 25% das comercializações ao exterior são para os Estados Unidos. A estimativa da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) é que tenha um recuo de 7,1% no total dos embarques de calçados do País ao Exterior até o final do ano.



WENDERSON ARAUJO/TRILUX/CNA/DIVULGA??O/JC

Produtos nacionais exportados aos EUA foram sobretaxados em 25%

Outro caso é o do tabaco, que também será afetado. E o RS é responsável por 40% de toda a safra nacional do produto. Nesse caso, os EUA respondem a cerca de 9% das exportações tanto do Rio Grande do Sul quanto do País. As tarifas impactam mais a variedade Virginia, que corresponde a 70% dos embarques gaúchos aos americanos.

Já a indústria madeireira é mais complexa. Embora alguns tipos do produto tenham entrado na lista de exceções, isso quase não afeta a produção gaúcha. No caso do Rio Grande do Sul, produtor de pinus, eucalipto e acácia, a expectativa é de que o impacto seja negativo.

Entre setembro de 2024 e setembro de 2025, as exportações de serrarias do RS com desdobramento de madeira em bruto para os Estados Unidos caíram 78%. O receio é de que o cenário se repita.

No setor moveleiro, a avaliação também é de perda de competitividade, apesar da dependência do mercado americano ter diminuído nos últimos anos.

Segundo a Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs), a nova tarifa deve acelerar a busca por novos compradores internacionais, mas a substituição não é simples, já que exige adaptação de produtos, certificações e estratégias comerciais específicas para cada país. Ainda, a entidade avalia que as empresas já têm pouca margem para absorver novos custos.

A preocupação também se estende à indústria metalmeccânica.

Conforme o presidente do Sindimetal-RS, Sergio Galera, empresas dos segmentos de armas, máquinas agrícolas, equipamentos para jardinagem e componentes metálicos para o setor calçadista estão entre as mais expostas à medida. O dirigente afirma que o aumento da tarifa de 10% para 25% pode consumir a margem de exportação de muitas empresas, obrigando o setor a rever custos e estratégias comerciais.

A indústria máquinas e implementos agrícolas gaúcha concentra 60% da produção nacional. E tem nos EUA o terceiro maior destino das exportações. O Simers, sindicato que representa o setor, manifestou preocupação com a perda da competitividade.

Em nota divulgada à imprensa na semana passada, a Fiergs manifestou apreensão com as medidas. No texto, a entidade reitera os impactos das taxas anteriores e critica a adoção de novas tarifas. Além disso, avalia que há um impacto na concorrência brasileira em relação a outros países.

A exclusão da carne bovina da nova tarifa aliviou um segmento importante do agronegócio, mas não mudou o diagnóstico para o Rio Grande do Sul. Levantamento da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul) mostra que 70,4% das exportações gaúchas do agronegócio destinadas ao mercado norte-americano continuam sujeitas à sobretaxa, percentual mais que o dobro da média brasileira, de 32,7%.

Governo federal se reúne com setores afetados por tarifaço

O governo federal recebeu ontem alguns dos segmentos industriais afetados pela nova rodada de tarifas anunciadas pelos Estados Unidos contra o Brasil.

Estavam previstas reuniões com associações do setor de máquinas e equipamentos, calçados, e pneus. O ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Márcio Elias Rosa, e o vice-presidente Geraldo Alckmin participaram das conversas.

Segundo as contas do governo brasileiro, a medida atinge cerca de 18% das exportações aos Estados Unidos, ou algo como US\$ 7,4 bilhões (R\$ 38 bilhões) em mercadorias.

Alguns setores sentirão a sobretaxa com mais força. É o caso do segmento da madeira, que verá 81% das exportações aos EUA atingidas pelas novas tarifas, segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI). A nova rodada também prejudicará 56% das exportações de minerais não

metálicos, 51% das exportações de químicos e 38% das exportações de alimentos para os EUA.

Em reunião com Alckmin na terça, representantes da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) defenderam mudanças no programa Brasil Soberano, que oferece linhas de crédito emergencial para os setores afetados.

A Abimaq sugere reduzir as taxas de juro, ampliar os segmentos elegíveis na indústria de máquinas e equipamentos e conceder isenção do IOF nas operações de crédito do programa, entre outras mudanças. O governo não sinalizou se vai aceitar a proposta.

Outros setores podem pedir barreiras comerciais contra produtos asiáticos. Entidades setoriais defenderam junto ao Mdic, na semana passada, a imposição de cotas de importação de produtos asiáticos como “remédio” ao tarifaço americano.

Entenda o novo tarifaço dos Estados Unidos contra o Brasil

► Qual o motivo do tarifaço?

As novas tarifas oficializadas nessa quarta são resultado de uma investigação com base na seção 301 da Lei de Comércio de 1974. A Seção 301 permite que os EUA imponham tarifas sobre quem violar acordos comerciais. A investigação, que ocorreu por meio do USTR, foi concluída em junho deste ano.

Entre os principais alvos da investigação estão o Pix e o mercado de etanol. O relatório acusa o Banco Central brasileiro de favorecer o Pix de forma injusta e discriminatória em relação a outros meios de pagamento. No caso do etanol, o USTR acusa o Brasil de restringir o acesso do produto americano ao mercado brasileiro após encerrar, em 2017, um tratamento tarifário considerado equilibrado entre os dois países.

► Como fica a tarifa final sobre produtos brasileiros?

Com a nova tarifa de 25%, o Brasil passa a ser o segundo país mais tarifado pelos EUA no planeta, atrás apenas da China. Antes dessa nova rodada do tarifaço, o Brasil era o 13º país do ranking. A tarifa global de 10% imposta por Trump em fevereiro deste ano sobre todos os países continua em vigor, o que tornaria a tarifa enfrentada pelos produtos brasileiros de 35%. A primeira, no entanto, expira ainda em julho, o que torna improvável o acúmulo das duas taxas. Ainda assim, é possível que a tarifa aumente no futuro.

► Quais produtos estão isentos?

Haverá uma extensa lista de isenções, que ultrapassa 2.100 itens, como carne, café, laranja e partes para a fabricação de aviões. Em junho, o governo brasileiro estimou que as tarifas afetariam 21% das exportações nacionais aos americanos.

Ficaram de fora os produtos que, na avaliação dos americanos, poderiam levar à indisponibilidade doméstica ou causar perturbações na economia se sujeitos a tarifas. Itens que não podem ser cultivados ou produzidos em quantidade suficiente nos EUA também serão poupados.

O anúncio desta quarta acrescentou uma série de produtos à lista de isenções, após consideração de comentários enviados ao USTR por representantes de setores e empresas.